



INESCRUTABILIDADE DA REFERÊNCIA E RELATIVIDADE ONTOLÓGICA: CORRESPONDÊNCIAS CONCEITUAIS EM QUINE

INESCRUTABILITY OF REFERENCE AND ONTOLOGICAL RELATIVITY: CONCEPTUAL CORRESPONDENCES IN QUINE

Luciane Luisa Lindenmeyer (UNISINOS)

Resumo: Este artigo trata das correspondências conceituais entre duas das teses centrais da proposta filosófica de Willard Van Orman Quine, a inescrutabilidade da referência, por meio da qual Quine apresenta exemplos para a fundamentação da sua teoria da indeterminação da tradução; e a relatividade ontológica, com a qual Quine trata das diversas possibilidades que os linguistas dispõem enquanto realizam observações para a tradução de novas línguas. Essas teses de Quine estão fortemente vinculadas em razão de sua centralidade para a teoria da indeterminação da tradução, isto é, da impossibilidade de obtermos um significado referencial preciso. Em vista desta escolha temática, intrínseca às origens da epistemologia naturalizada, intenciono apresentar elementos introdutórios à filosofia da linguagem de Quine, que explicitem a correspondência conceitual elementar de seu pensamento, isto é, que demonstrem a indissociabilidade entre a tese da inescrutabilidade da referência e a conseqüente relatividade ontológica. Com a constatação da não-dependência de postulados ontológicos para a eficácia semântica e intersubjetiva da linguagem, podemos afirmar que é em razão da indeterminação da tradução que a inescrutabilidade da referência é constatada.

Palavras-chave: Indeterminação. Referência. Inescrutabilidade. Relatividade. Quine.

Abstract: This article deals with the conceptual correspondences between two of the central theses of Willard Van Orman Quine's philosophical proposal, the inscrutability of reference, through which Quine presents examples to support his theory of the indeterminacy of translation; and ontological relativity, with which Quine deals with the different possibilities that linguists have while carrying out observations for the translation of new languages. These Quinean theses are strongly linked due to their centrality to the theory of indeterminacy of translation, that is, the impossibility of obtaining a precise referential meaning. In view of this thematic choice, intrinsic to the origins of naturalized epistemology, I intend to present introductory elements to Quine's philosophy of language, which explain the elementary conceptual correspondence of his thought, that is, which demonstrate the inseparability between the thesis of the inscrutability of reference and the consequent ontological relativity. With the verification of the non-dependence of ontological postulates for the semantic and intersubjective

effectiveness of language, we can affirm that it is due to the indeterminacy of the translation that the inscrutability of the reference is verified.

Keywords: Indeterminacy. Reference. Inscrutability. Relativity. Quine.

Introdução

O pensamento filosófico de Willard Van Orman Quine esteve diretamente relacionado com o conteúdo teórico proposto pelo Círculo de Viena, isto é, com o positivismo lógico ou o neopositivismo. O seu projeto filosófico pretendia corrigir alguns dos preceitos adotados por integrantes dessa escola filosófica como as noções de vivência e de reducionismo de Rudolf Carnap. Assim como a asserção de uma fundamentação do discurso científico com base em sentenças protocolares, mostrou-se igualmente problemática. Tese esta que era pensada pelos neoempiristas como forma de unificação do discurso da ciência, dada a grande multiplicidade de teorias que surgiam com o desenvolvimento científico, entre os séculos XIX e XX. As sentenças protocolares seriam o recurso por meio do qual as ciências poderiam adotar os mesmos critérios linguísticos para o desenvolvimento de suas teorias, sendo possível a determinação do valor de verdade dos seus enunciados.

No contexto do neopositivismo e da virada linguística da filosofia, o conhecimento é sempre proposicional. É, portanto, no contexto dessa virada de paradigma da filosofia que o pensamento de Quine está inserido historicamente. O que implica a formulação de um sistema que obrigatoriamente tem no seu cerne teórico a análise lógica e semântica da linguagem, de forma a fundamentar o conhecimento com o uso de frases que tenham sentido.

Enquanto autores adeptos do positivismo lógico, como o já mencionado Rudolf Carnap, propunham que o conhecimento fosse reduzido a sentenças protocolares, Quine propunha o uso de enunciados observacionais por meio dos quais as teorias mais elaboradas obtinham todos os seus conteúdos semânticos. A famosa crítica de Quine a Carnap, que será determinante para a fundamentação de seu holismo semântico, refere-se justamente à dimensão de que “nenhuma afirmação científica pode ser testada exclusivamente por si só”. (RITCHIE, 2012, p. 49). Quine defende contra Carnap¹ que

¹ Carnap, no seu *Überwindung der Metaphysik durch Logische Analyse der Sprache* (1932), traduzido como *A Superação da Metafísica pela Análise Lógica da Linguagem*, propõe que a verificação do significado das palavras depende de algumas condições específicas, dentre elas a de que cada palavra possa ser reduzida a um elemento mais simples, isto é, a uma sentença protocolar. Assim, para Carnap

não há nenhum sentido em considerarmos a análise de sentenças individuais como sendo suficiente para a verificação de teorias científicas, pois que

Não podemos reduzir a sentença de uma teoria científica a uma que faça uso apenas da lógica e se refira a experiências básicas, porque não existe um conjunto de experiências que confirmará ou falsificará a sentença por si. Somente quando esta sentença é combinada com muitas outras podemos gerar uma previsão. (RITCHIE, 2012, p. 49).

Ao explicitarmos os elementos centrais do holismo quineano e a sua crítica ao critério de Carnap que não considera devidamente a estrutura linguística, percebemos que a abordagem de Quine não corresponde à mesma redução neopositivista do conhecimento a essas pequenas partículas da linguagem. Quine tampouco visava a tratar das questões referentes à justificação epistêmica, no sentido das “fundamentações últimas do conhecimento”. O seu delineamento conceitual, por influência do behaviorismo, era aplicado ao contexto da cognição, tendo em vista os limites da ocorrência do conhecimento.

Mesmo que Quine criticasse alguns elementos do projeto teórico do positivismo lógico, ele estava de acordo com a tese empirista que associa a observação experiencial à problemática da significação. No entanto, a tentativa de fundamentação do discurso científico pelo uso de sentenças protocolares, isto é, a concepção de que as frases possuem conteúdo empírico individualmente constatável era problemática para Quine, sendo essa um dos “Dois dogmas do empirismo”², que correspondia, nas palavras dele, ao “[...] reducionismo: a crença de que cada afirmação significativa é equivalente a alguma construção lógica em termos que se referem à experiência imediata”³ (QUINE, 1951, p. 20). Esse reducionismo, defendido principalmente por Carnap, era contrário à concepção quineana de holismo semântico, onde os enunciados particulares sempre integram um todo semântico, do qual eles não podem ser dissociados.

(2009, p. 294), a fixação do significado das sentenças implica a sua redutibilidade a um tipo de sentença “primária”, através do seguinte procedimento: “[...] cada palavra da linguagem é reduzida a outras palavras e, finalmente, a palavras que ocorrem nas chamadas ‘sentenças observacionais’ ou ‘sentenças protocolares’. É através dessa redução que a palavra adquire seu significado”. Eis o critério de verificação de Carnap (2009, p. 296), “uma palavra é significativa apenas se as sentenças nas quais ela possa ocorrer são redutíveis a sentenças protocolares”.

² Além do reducionismo, o outro dogma tratado por Quine nesse artigo é a divisão empirista da linguagem em enunciados sintéticos a posteriori, que expressam verdades de fato, e analíticos a priori, que expressam verdades necessárias.

³ Esta e todas as demais traduções feitas no artigo são de minha autoria. (Cf. QUINE, 1951, p. 20): “reductionism: the belief that each meaningful statement is equivalent to some logical construct upon terms which refer to immediate experience”.

A tese de Quine acerca da inescrutabilidade da referência é pensada a fim de demonstrar que os significados de palavras ou frases são sempre indeterminados. A sua perspectiva teórica é a de uma filosofia da linguagem que considera a observação do uso dos termos diante de situações específicas. Portanto, não é possível verificarmos de forma precisa a referência de cada um dos termos e frases que constituem uma determinada linguagem.

A inescrutabilidade da referência é ilustrada por Quine com o seu exemplo da tradução radical, por meio da qual ele desenvolveu a sua teoria da indeterminação do significado, tendo em vista as dificuldades que os linguistas enfrentam ao traduzirem idiomas completamente singulares e desconhecidos. Os problemas da indeterminação e da inescrutabilidade estão relacionados com as poucas “definições contextuais” que um observador externo dispõe nas ações linguísticas de falantes nativos de uma língua desconhecida. Ao observar o comportamento verbal dos falantes desses idiomas, o linguista não pode saber exatamente ao que eles se referem ao pronunciar determinadas palavras e apontarem para certos objetos ou indivíduos.

Em vista desta escolha temática, intenciono apresentar elementos introdutórios à filosofia da linguagem de Quine, que explicitem a correspondência conceitual elementar de seu pensamento, isto é, que demonstrem a indissociabilidade entre a tese da inescrutabilidade da referência e a conseqüente relatividade ontológica. No primeiro momento, apresento a importância da teoria da inescrutabilidade da referência, que está diretamente vinculada à noção de indeterminação da tradução, para a epistemologia naturalizada de Quine. Em seguida, abordo o conceito de relatividade ontológica, a fim de indicar de que forma a inescrutabilidade da referência corrobora o projeto ontológico de Quine.

A centralidade da tese da inescrutabilidade da referência para a filosofia da linguagem de Quine

Termos como referência, sentido e significado integram o pensamento filosófico da lógica e da filosofia da linguagem, no que se refere à constituição originária dessas disciplinas filosóficas. Podemos especialmente destacar aqui a proposta de Frege⁴ de

⁴ A partir da análise e da distinção conceitual entre sentido, referência e sinal, Frege (2009, p. 132) acentua que ao invés de um único sinal determinado para cada referência, há, na verdade, diferentes modos de doação de objetos (referências), na medida em que estes podem estar associados a mais de um sinal. Por isso, “A conexão regular entre um sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que uma referência (um objeto) pode receber mais de um sinal”.

pensar as possíveis conexões entre sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*), para além das imperfeições da linguagem natural. Sua análise lógica da linguagem permite considerarmos que o sentido está vinculado ao pensamento (*Gedanke*) podendo, ou não, ser dissociado do seu referente. Para tratar dessas questões, Frege apresenta o seu famoso exemplo da estrela da manhã⁵, a fim de propor que uma mesma referência pode ter dois sentidos ou pensamentos diferentes.

No entanto, ao partirmos da afirmação de Quine de que a referência é inescrutável precisamos considerar que ela é sempre indeterminada. Isso significa que a referência de palavras e frases não apenas não é necessária para que seja possível a constatação de seus significados, como, obviamente, também podemos abandonar o próprio conceito de significado. Sob o pano de fundo desses elementos teóricos, está a definição bastante específica de fisicalismo feita por Quine, de modo que “Em vez de formulá-lo por referência a objetos físicos, ele o formula por referência ao vocabulário físico”⁶. (GAUDET, 2006, p. 14).

A tese da inescrutabilidade da referência defendida por Quine possui um caráter de radicalidade. Para compreendermos a sua proposta precisamos abandonar alguns dos princípios teóricos daqueles que o precederam no campo da filosofia da linguagem, em razão da reformulação que Quine realiza sobre alguns conceitos como o de objeto, que passa a ser considerado não mais na sua acepção física, mas como sendo sempre relativo à experiência, assim como o conceito de significado é reapresentado por ele como *stimulus meaning*, isto é, como significado por estímulo, de maneira que,

O significado por estímulo de uma frase para um sujeito é a soma de sua disposição a assentir ou a dissentir de uma frase em resposta a uma estimulação presente. A estimulação é o que ativa a disposição, e se opõe ao que a inculca (mesmo que a estimulação resulte contribuir, de algum modo, ao inculcar de alguma outra disposição). (QUINE, 2010, p. 59).

Por influência de teorias comportamentalistas, o significado passa a corresponder aos enunciados observacionais que são apreendidos por meio de gestos

⁵ A questão é que o referente, neste caso o Planeta Vênus, pode ser conhecido tanto pela sentença estrela da manhã quanto pela sentença estrela da tarde. Nesse sentido: “o pensamento da sentença ‘A estrela da manhã é um corpo iluminado pelo sol’ é diferente do da sentença ‘A estrela da tarde é um corpo iluminado pelo sol’. Alguém que não soubesse que a estrela da tarde é a estrela da manhã poderia sustentar um pensamento como verdadeiro e o outro como falso. O pensamento, portanto, não pode ser a referência da sentença pelo contrário, deve ser considerado como seu sentido”. (FREGE, 2009, p. 137). Lembrando que, para Frege, o pensamento é sempre objetivo e não um elemento puramente subjetivo.

⁶ (Cf. GAUDET, 2006, p.14): “Instead of formulating it by reference to physical objects, he formulates it by reference to the physical vocabulary”.

ostensivos, de modo intersubjetivo⁷. A referência não pode ser determinada, a não ser por um tipo de “conformidade externa”, porque ela será sempre resultado dos estímulos coletivos, podendo ser correções ou assentimentos diante de determinados usos das palavras. Contextos de análise linguística implicam inevitavelmente uma única evidência disponível: “o comportamento aberto de pessoas em circunstâncias publicamente reconhecíveis”. (QUINE, 1975, p. 139).

Quine (1992, p. 38) assinalou a centralidade da observação de situações linguísticas pragmáticas também em *Pursuit of Truth*, como parte da sua crítica à concepção usual do termo “significado”, ou seja, “Não há nada no significado linguístico além do que pode ser obtido do comportamento manifesto em circunstâncias observáveis⁸”. Essa posição é, inclusive, uma das divergências assinaláveis entre a proposta do positivismo lógico e da “nova lógica” quineana, ou seja, a defesa de que é por meio de validação intersubjetiva, e não por vivências subjetivas, que os enunciados adquirem conteúdo semântico. Parte dessa caracterização “pragmática” de sua filosofia da linguagem é também composta pela posição de que “os enunciados básicos são enunciados gerais e não há enunciados singulares”. (TUGENDHAT, 2006, p. 237).

Não há como compreendermos os elementos teóricos da sua teoria semântica, de orientação naturalista, sem considerarmos a tese que sustenta a inescrutabilidade da referência e que pode ser associada à concepção de indeterminação da tradução. Tanto a inescrutabilidade quanto a indeterminação devem também ser compreendidas à luz do seu “empirismo holístico”, como veremos a seguir. Quine exemplifica a sua teoria dos enunciados por meio do seu clássico experimento de pensamento do “gavagai”, onde um linguista se depara com um gesto ostensivo de um falante, de um idioma desconhecido, para um coelho que está na sua frente, no mesmo momento em que ele diz “gavagai”. A noção quineana de inescrutabilidade da referência implica a proposição de que,

Dado que uma sentença nativa diga que um tal e tal está presente e dado que a sentença seja verdadeira quando e somente quando um coelho está presente, de nenhum modo se segue que os tais e tais

⁷ Em *Falando de objetos*, na coleção *Os Pensadores*, Quine (1975, p. 125) trata da assimilação intersubjetiva das expressões linguísticas. Segundo ele, “por nenhuma outra razão falamos de modo semelhante senão porque a sociedade nos treinou de modo semelhante num padrão de resposta verbal a indicações exteriormente observáveis. Fomos modelados numa conformidade externa a um padrão externo; e assim é que, quando eu correlaciono suas sentenças com as minhas pela regra simples da correspondência fonética, eu descubro que as circunstâncias públicas de suas afirmações e negativas concordam bastante bem com as das minhas próprias”.

⁸ (Cf. QUINE, 1992, p. 38): “There is nothing in linguistic meaning beyond what is to be gleaned from overt behavior in observable circumstances”.

sejam coelhos. Eles poderiam ser todos vários segmentos temporais de coelhos”. (QUINE, 1975, p. 123).

Esse caso representa, em nível de uma ontologia temporal, como não é evidente se a referência indicada pelo gesto do falante implica o coelho na sua totalidade ou é apenas uma parte de sua anatomia que está sendo designada. Isso significa que alguém “externo” ao contexto de uso de palavras em uma determinada comunidade linguística não pode conhecer exatamente os aspectos de “identidade e quantificação” que acompanham gestos ostensivos de objetos, animais, etc. (QUINE, 1975, 124). A inescrutabilidade indica que há algum elemento linguístico na relação entre palavras e objetos que não pode ser facilmente assimilado por quem assiste a situações linguísticas interativas de um grupo social falantes de outro idioma. Por consequência, não há apenas um manual semântico disponível para cada língua falada.

A solução apontada por Quine é a de que se o elaborador dos manuais, o linguista, não possui critérios morfológicos prévios, “O que ele deve fazer é adivinhar a partir da observação e, então, ver quão bem sua suposição funciona” (QUINE, 2010, p. 54). A indeterminação da tradução ocorre em razão de que existem diversas possibilidades para a formulação de significado. O único elemento nesse processo que pode ser observado é o comportamento verbal dos falantes. É também nesse estágio observacional que Quine trata dos estímulos globais, ou seja, um estímulo global é “uma experiência que provoca uma classe de receptores sensoriais” (RITCHIE, 2012, p. 73).

O que está em jogo nessa proposta de Quine é a análise da linguagem, não apenas a fim de traçar os diferentes modos de significação que podem compor diferentes ontologias, mas principalmente, como assinala Miguens (2007, p. 59), de modo a indicar a adequação dos comportamentos linguísticos dos falantes aos seus sistemas de regras específicos. A partir disso, com a não-dependência de postulados ontológicos para a eficácia semântica e intersubjetiva da linguagem, podemos afirmar que é em razão da indeterminação da tradução que a inescrutabilidade da referência é constatada.

É também em razão dessa indeterminação que Quine elucida a sua teoria da relatividade ontológica como uma multiplicidade de manuais de tradução, no sentido apontado por Paul Roth, de que “Nenhum manual de tradução pode fornecer o relato correto porque não há relato correto, nenhuma tradução correta em primeiro lugar, que

um manual poderia reexpressar”.⁹ (ROTH, 1978, p. 349). Nesse sentido, há a imprescindibilidade de formulações ontológicas, intersubjetivamente validadas, para cada linguagem determinada. A validade intersubjetiva é um pressuposto para a evidência observacional tanto para a aprendizagem de um idioma quanto para a formulação das teorias científicas e dos seus significados terminológicos internos. A observação intersubjetiva é o suporte linguístico que funciona como um *background* comunicativo imediato e pragmático.

Esse *background* comunicativo é o suporte para a formulação de teorias e estruturas científicas na medida em que, “[...] ao desenvolver uma teoria, esboçamos alguns traços-chave do que se pretende, em última instância, emergir como um mecanismo explicativo satisfatório¹⁰”. (QUINE, 1973, p. 12). Na teoria holista de Quine, uma explicação satisfatória está relacionada com a coerência de uma “rede de crenças”, constituída por crenças que podem ser tanto abstratas quanto não-abstratas, desde que todas essas crenças tenham a sua validade epistêmica assegurada conjuntamente, por meio de um processo de revisão cuidadoso em que elas sejam confrontadas com as evidências observacionais.

A relatividade ontológica e a crítica ao conceito de significado

Os pressupostos da filosofia da linguagem de Quine, especialmente no que se refere aos termos singulares, como nomes, dependem da posição de não comprometimento ontológico sobre a existência nem de entidades no mundo, nem de entidades mentais. Uma teoria semântica é compatível com a proposição da relatividade ontológica, ou seja, a possibilidade de pensar a significação para além das “etiquetas” denotativas, justamente porque “Nós não precisamos mais trabalhar sob a ilusão de que a significatividade de um enunciado que contém um termo singular pressupõe uma entidade nomeada pelo termo”. (QUINE, 2011, p. 21). O exemplo utilizado por Quine para especificar esse ponto é o do termo “Pégaso”. Alguém que considere a existência de Pégaso, mesmo com a evidente impossibilidade de atribuição de atualidade espaço-temporal, poderia defini-lo apenas como sendo uma “entidade mental”.

Este é precisamente um tipo de comprometimento ontológico desnecessário unicamente para o propósito de assegurar, de certo modo, a significação do termo

⁹ (Cf. ROTH, 1978, p. 349): “No manual of translation can provide the correct account because there is no correct account, no right translation in the first place, which a manual could re-express”.

¹⁰ (Cf. QUINE, 1973, P. 12): “in developing a theory one sketches in a few key traits of what is meant ultimately to emerge as a satisfactorily explanatory mechanism”.

Pégaso. Para Quine (2011, p. 22), isso nada mais é do que a confusão entre Pégaso como *entidade nomeada* e Pégaso como *significado*, como se este último implicasse a necessidade de postulação de um ente, de um ser correspondente, como algo a “ser realizado”. A conceituação quineana da relatividade ontológica implica a delimitação da relação entre experiência e ontologia, sob a premissa de que “O que é empiricamente significativo em uma ontologia é apenas sua contribuição de nós neutros para a estrutura da teoria¹¹”. (QUINE, 1992, p. 33).

A constatação de Quine acerca da impossibilidade de determinação dos significados de palavras e frases devido à inescrutabilidade da referência poderia indicar um problema para a linguagem no que se refere à comunicabilidade entre os falantes. Isso porque poderiam não existir critérios básicos para o entendimento entre esses indivíduos, sem o estabelecimento de qualquer objetividade.

No entanto, não podemos compreender o empreendimento filosófico quineano da inescrutabilidade da referência sem atentarmos também para a sua proposta ontológica que abrange toda linguagem significativa. Proposta que é pensada por Quine, em grande medida, sob o viés das crianças durante o processo de aprendizagem da linguagem. Sua tese é elaborada sempre a partir da condição de inescrutabilidade da referência, mas explicando como ocorre realmente o processo de atribuição de conteúdo às palavras.

O processo comportamental que permite que as palavras e frases tenham conteúdo é justamente a observação permanente do uso das palavras, de forma que é durante a aprendizagem da linguagem que esse processo fica mais evidente. O uso de palavras, na infância, não implica unicamente a descoberta do objeto ou da pessoa ao qual ou a quem a palavra faz referência, porque a criança pode apenas imitar os sons que ela ouve. Desse modo,

Ao aprendermos palavras, temos que aprender a transmitir e receber. Nós imaginamos uma criança aprendendo a transmitir “Mamãe”, e também a imitar a palavra ao escutá-la, mas nós não consideramos a escuta inteligente. O que contaria como uma resposta inteligente à palavra escutada “Mamãe”, e seria suficientemente observável para um espectador compreender e reforçar? O assentimento incitado (§7) não é um jogo para uma criança tão pequena. Talvez, algo como isso: a criança escuta “Mamãe” (dita pelo pai) enquanto sente a mãe na periferia de seu campo visual, e então se vira visivelmente para a mãe. (...) Ao virar-se em direção à mãe no momento em que escuta

¹¹ (Cf. QUINE, 1992, p. 33): “What is empirically significant in an ontology is just its contribution of neutral nodes to the structure of the theory”.

“Mamãe”, a criança é aplaudida e, assim, é ratificada na rotina. (QUINE, 2010, p. 115).

É por meio de exemplos como esse que as influências comportamentalistas do pensamento de Quine transparecem, contribuindo com a sua tese da inescrutabilidade da referência e reforçando a sua abrangente proposta ontológica. Da mesma forma, a sua crítica ao conceito de significado adquire plausibilidade. Afinal, ao compreendermos que a significação dos termos se dá por meio da estimulação e pela observação do uso das palavras, a relatividade ontológica funciona como uma consequência direta da indeterminação dos significados e da inescrutabilidade da referência.

No processo de aprendizagem da linguagem a criança pode facilmente assimilar e reproduzir os atos ostensivos de objetos. Porém, no que se refere à sua capacidade de individuação, ela só poderá adquiri-la na medida em que for capaz de compreender elementos comunicativos ainda mais complexos. Sendo assim,

Como podemos dizer um dia, então, se a criança pegou realmente o truque da individuação? Somente induzindo-a ao discurso sofisticado de *aquela maçã, não aquela maçã, uma maçã, mesma maçã, uma outra maçã, essas maçãs*. É somente nesse nível que emerge uma diferença palpável entre o uso genuinamente individuador e as imitações há pouco imaginadas. (QUINE, 1975, p. 127).

Diante de todas essas condições conceituais, não é possível dissociarmos a inescrutabilidade da referência da relatividade ontológica para o pleno entendimento da proposta filosófica de Quine. Tanto é que ele próprio não pensou, inicialmente, nas diferenças entre essas duas facetas do seu pensamento. O vínculo filosófico entre a indeterminação dos termos, a inescrutabilidade da referência e a relatividade da ontologia quineana encontra-se na condição de que a relatividade ontológica é a alternativa filosófica frente à incontornável inescrutabilidade da referência. A relatividade ontológica funciona, voltando ao problema da indeterminação da tradução, como o que Quine chama de manual para guiar o linguista na sua tarefa da análise da significação das palavras.

Sob o pano de fundo desses preceitos teóricos está a posição naturalista de que

Se perguntamos se realmente existem objetos físicos ou números, não estamos realmente fazendo uma pergunta sobre como o mundo é; estamos apenas querendo saber qual poderia ser a estrutura linguística mais fecunda na qual expressar a nossa ciência. (RITCHIE, 2012, p. 61).

Há, portanto, uma certa primazia da constituição da estrutura linguística em relação a postulados ontológicos sobre o que existe, afinal, qualquer ontologia depende de um “esquema conceitual”, ilustrado pela metáfora do “manual”, capaz de descrevê-la adequadamente.

Parte do problema da indeterminação da tradução é associado à diversidade de manuais disponíveis, devido à multiplicidade de possibilidades de tradução e às dificuldades observacionais de obtenção de um significado referencial preciso. Se a referência é inescrutável, a observação só pode ser feita em relação aos diferentes usos dos termos e frases, considerando os enunciados observacionais, por meio dos quais é possível que haja concordância entre os falantes do mesmo idioma. Os enunciados observacionais são, no contexto da teoria extensionalista de Quine, o fundamento para a intersubjetividade, uma vez que,

Apesar de Quine definir significado por estímulo para *um* sujeito, a sua definição de sentença observacional pretende definir o que seja uma sentença observacional intersubjetivamente e não apenas intrasubjetivamente. Como uma das preocupações centrais de Quine ao definir as sentenças observacionais, além da preocupação de mostrar a origem e constituição do significado na linguagem, é justamente mostrar como a ciência pode alcançar um acordo intersubjetivo em suas investigações, não basta a ele definir sentenças observacionais para *um* falante. (STEIN, 2006, p. 188).

Dessa forma, a referência é sempre um elemento derivado da experiência intersubjetiva. Os possíveis problemas de comunicabilidade que surgem desse processo podem ser resolvidos por meio da tese da extensionalidade. Concepção que aproximava Quine do positivismo lógico devido ao uso de critérios por meio dos quais “Quine procura mostrar que é possível ‘eliminar’ idiomas intensionais sem causar prejuízo à atividade científica” (STEIN, 2002, p. 306). A adoção de um sistema baseado na extensionalidade para libertar a linguagem dos enunciados intensionais, permite a eliminação de termos ininteligíveis. Do mesmo modo, possibilita que a filosofia estabeleça os parâmetros necessários para o desenvolvimento das teorias científicas, por meio da sua análise lógica.

Podemos considerar, portanto, que o conceito de significado unívoco, onde os termos estão unicamente vinculados a uma referência objetiva é, portanto, insuficiente para a fundação de uma linguagem, de acordo com a teoria do holismo semântico de Quine. Afinal, não existem critérios epistêmicos seguros para a afirmação de que sempre há apenas uma correspondência exata entre a linguagem e a realidade. Por

consequência, o sentido dos enunciados dependerá, em verdade, da sua relação com os demais enunciados de um mesmo sistema linguístico.

No contexto comunicativo avaliado por Quine, podemos também discutir a temática da inescrutabilidade por meio da sua condição de opacidade referencial, no que se refere às diversas possibilidades designativas, isto é, a opacidade é a não validação intersubjetiva da comunicação quando uma “sentença dá margem a uma ambiguidade interpretativa”. (CIULLA, 2015, p. 96). Para que haja transparência discursiva em vez de opacidade, precisamos considerar, portanto, o significado apenas como significado extensional, como integrante de uma ontologia específica e nunca como um significado estático, sem o dinamismo que o uso da linguagem pressupõe. É daí que decorre o problema da indeterminação da tradução, de maneira que

O linguista tem de resolver a infinidade potencial de sentenças nativas numa lista manipulavelmente limitada de construções gramaticais e formas linguísticas constituintes, e mostrar então como se pode atingir aproximadamente, em português, o propósito de cada uma delas, e vice-versa. Algumas vezes talvez ele traduza uma palavra ou construção não direta mas contextualmente, mediante instruções sistemáticas para a tradução das sentenças que a contenham; mas, ainda assim, ele deve arrumar-se com um lote limitado de definições contextuais. (QUINE, 1975, p. 124).

Os problemas da linguagem apresentados por Quine por meio dos seus exemplos que respaldam a sua teoria da indeterminação da tradução possibilitam a constatação de que o significado dos termos não depende exclusivamente de objetos existentes no mundo, mas sim das diferentes frases de observação ou dos diferentes usos que as palavras recebem dos sujeitos falantes de determinadas comunidades linguísticas. É, portanto, a inescrutabilidade da referência o elemento filosófico que permite a defesa da relatividade ontológica de Quine.

Tendo em vista o contexto de aprendizagem da linguagem destacado,

Para compreender o que Quine entende por ontologia, devemos operar o que Quine chama ascensão semântica. Não podemos mais nos colocar como usuários de uma língua, mas como observadores dos signos e dos significados desta. A observação da gênese da linguagem e das palavras constituintes desta é apenas a argila a ser moldada pelo filósofo. Como sugere o método elaborado por Quine para viabilizar a tradução de uma língua em outra, o filósofo, como um cientista, elabora hipóteses analíticas que serão confrontadas com o material colhido como amostra. (STEIN, 2009, p. 85).

Considerações finais

A teoria ontológica de Quine apresenta elementos empíricos, na medida em que, é por meio de enunciados observacionais que a linguagem pode falar sobre a realidade, mas o conteúdo desses enunciados está relacionado com os estímulos que cada sujeito recebe diante de situações interativas determinadas. As sentenças ou enunciados observacionais dependem, em alguma medida, das atitudes ostensivas que indicam os diferentes usos de cada termo e não há apenas a concordância global sobre características semânticas unicamente referenciais.

A inescrutabilidade da referência enquanto crítica da concepção de significado linguístico tradicional, devido à indeterminação da tradução demonstra a tese, de grande influência comportamentalista e que fundamenta a epistemologia naturalizada de Quine, de que o que está em evidência nas construções linguísticas são os diversos usos que os falantes realizam em determinadas situações cotidianas. Como consequência, é importante a consideração tanto das diferentes ontologias que surgem para cada sistema linguístico, quanto da intersubjetividade das observações desses sistemas.

Porém, essa intersubjetividade, que garante a objetividade da linguagem, só pode ocorrer quando há contexto de transparência, o que não ocorre com a intensionalidade dos termos, porque eles estão sempre, ao contrário, em contextos de opacidade. Com isso, “Apesar da relatividade ontológica, que atinge a referência de termos considerados extensionalmente, Quine encontra na referência um critério de identidade que não encontra para objetos intensionais”. (STEIN, 2002, p. 310).

Em vista de todos os conceitos considerados até aqui, é perceptível que a proposta quineana da impossibilidade de obtermos um significado referencial preciso no que concerne aos termos que compõem a linguagem está em consonância com todo o seu projeto de crítica ao positivismo lógico. Movimento filosófico que dependia diretamente da referência objetiva para a validação de suas proposições teóricas. A análise de Quine acerca do uso cotidiano da linguagem e de seu sistema de regras específico permite a elaboração de uma teoria do significado mais dinâmica, que é fundada na observação do uso de uma determinada linguagem e do comportamento verbal dos seus falantes, isto é, dos elementos que estão implícitos na sua ontologia específica. É assim que a inescrutabilidade da referência é pensada por Quine sob as influências comportamentalista e naturalista do seu pensamento.

Como vimos, todos esses elementos estão condicionados à indeterminação da tradução, de modo que eles não podem ser dissociados, na medida em que buscamos a

compreensão da tese da relatividade ontológica de Quine. A plena assimilação do projeto de análise da linguagem quineano, fundado por meio da noção de indeterminação da tradução, depende da clarificação das correspondências internas entre a proposição de que não podemos contar com a exatidão referencial dos objetos para o estabelecimento dos significados das palavras e a proposição de que a observação dos diferentes usos de variadas linguagens implica a necessidade de formulação de múltiplas ontologias.

Finalmente, ao analisarmos o percurso teórico conceitual da inescrutabilidade da referência à relatividade ontológica, o que corresponde ao principal objetivo de desenvolvimento deste artigo, fez-se necessária a reconstituição de outros conceitos significativos do pensamento quineano. Considerarei a sua crítica ao intensionalismo e a sua primazia pelos enunciados extensionais, assim como a sua recusa em relação às sentenças protocolares, que reduziam a linguagem ao problema da referência objetual ou mental. Com a elaboração do seu holismo semântico, a noção de relatividade ontológica desenvolvida por Quine é corroborada pela visão de que é apenas pela análise de enunciados observacionais que os conteúdos das diferentes ontologias possíveis são adquiridos.

REFERÊNCIAS

CARNAP, Rudolf. *A Superação da Metafísica pela Análise Lógica da Linguagem*. Cognition, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 293-309, jul./dez. 2009.

CIULLA, Alena. As múltiplas implicações discursivas da opacidade referencial. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015.

FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GAUDET, Eve. *Quine on Meaning, The Indeterminacy of Translation*. London: Continuum Studies in American Philosophy, 2006.

MIGUENS, Sofia. *Filosofia da Linguagem: Uma introdução*. Cidade do Porto: SerSilito-Empresa Gráfica, Lda. 2007.

QUINE, Willard Van Orman. *De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos*. Trad. Antonio Ianni Segatto. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

QUINE, Willard Van Orman. *Palavra e Objeto*. Trad. Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

QUINE, Willard Van Orman. *Pursuit of Truth*. Harvard: Harvard University Press, 1992.

QUINE, Willard Van Orman. *Relatividade ontológica e outros ensaios*. Trad. Oswaldo Porchat e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. 1ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores, 52).

QUINE, Willard Van Orman. *The Roots of Reference*. Illinois: Open Court, 1973.

QUINE, Willard Van Orman. *Two Dogmas of Empiricism*. The Philosophical Review. Vol. 60, No. 1, p. 20-43, (Jan., 1951).

RITCHIE, Jack. *Naturalismo*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROTH, Paul. *Paradox and Indeterminacy*. The Journal of Philosophy. V.75, No. 7. (Jul., 1978), p. 347-367.

STEIN, Sofia Inês Albornoz. A dimensão metafísica da inescrutabilidade da referência. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, vol. 7 (2), p. 184-203, 2006.

STEIN, Sofia Inês Albornoz. Os pressupostos da visão eliminativista de Quine. *Epistemology and History of Science (CLE/UNICAMP)*, Campinas, Special Number, p. 305 -321, 2002.

STEIN, Sofia Inês Albornoz. *Van Orman Quine: Epistemologia, Semântica e Ontologia*. Londres: College Publications, 2009.

TUGENHAT, Ernst. *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem*. Trad. Ronai Pires da Rocha. Ijuí: Unijuí, 2006.